

## ORALISMO E IMPLANTE COCLEAR: MEMÓRIA E (RE) ATUALIZAÇÃO

# 10

### ORALISM AND COCLEAR IMPLANT: MEMORY AND (RE) UPDATE

#### **LIMA, CLEVISVALDO PINHEIRO**

MESTRE EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UFPI  
DOUTORANDO EM LINGÜÍSTICA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP  
DOCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
MEMBRO DO PROJETO DE PESQUISA “IMAGENS DA CIDADE: DISCURSO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO” COORDENADO PELA PESQUISADORA GRECIELY COSTA (LABEURB/UNICAMP/FAPESP)  
E-MAIL: KLEVISLIMA@HOTMAIL.COM;  
ORCID ID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-8907-9998](https://orcid.org/0000-0001-8907-9998)

#### **LOPES, MARAISA**

LICENCIADA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS (UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES) E  
LICENCIADA EM PEDAGOGIA (CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL)  
MESTRA EM LINGÜÍSTICA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)  
DOUTORA EM LINGÜÍSTICA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)  
ESTÁGIO PÓS-DOUTORAL EM EDUCAÇÃO DE SURDOS (FLAGLER COLLEGE/ FLORIDA-USA)  
DOCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CURSO DE LETRAS LIBRAS E PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
E-MAIL: MARAISA\_LOPES@UOL.COM.BR  
ORCID ID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-8408-3103](https://orcid.org/0000-0001-8408-3103)

#### **RESUMO:**

A memória tende a absorver o acontecimento que, sob a forma de paráfrase, tende a se manter regular, estável, mas que ante um acontecimento discursivo novo pode sofrer uma interrupção que desloca e desregula os implícitos, produzindo uma nova regularização sobreposta à primeira. Isso posto, este trabalho se propõe a investigar que discursos sobre a surdez foram ditos e permanecem ditos e por dizer e o modo como o discurso oralista se atualiza no discurso sobre o implante coclear, um dispositivo eletrônico desenvolvido para propiciar limiares auditivos aos surdos de grau profundo. Para tanto, utilizamo-nos do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso de base materialista, tendo Michel Pêcheux (2015), Eni Orlandi (2004, 2015) e Cristiane Dias (2018) como principais teóricos que embasam esse trabalho. Selecionamos para compor o arquivo que constitui essa pesquisa 08 programas das atrações matinais da Rede Globo, a saber: Mais Você; Bem-Estar e Encontro

com Fátima Bernardes, os quais foram produzidos entre 2009 e 2016 e encontram-se disponíveis em plataformas digitais.

**Palavras Chave:** Memória; Oralismo; Implante Coclear.

### **ABSTRACT:**

Memory tends to absorb the event that, in the form of a paraphrase, tends to remain regular, stable, but as for as a new discursive event may suffer an interruption that displaces and disrupts the implicit, producing a new regularization superimposed on the first. That said, this paper aims to investigate what discourses about deafness have been said and remain said and unsaid and the way the oralism discourse is updated by cochlear implant discourse, an electronic device developed to provide hearing thresholds for deaf of degree deep. For that, we used the theoretical-methodological device of Discourse Analysis with a materialistic basis, taking Michel Pêcheux (2015), Eni Orlandi (2004, 2015) and Cristiane Dias (2018) as the main authors that support this work. We have selected as the archive that constitutes this research 08 programs of morning attractions of Rede Globo, namely: Mais Você; Bem-Estar and Encontro com Fátima Bernardes, which were produced between 2009 and 2016 and are available on digital platforms.

**Keywords:** Memory; Oralism; Cochlear implant.

### **INTRODUÇÃO**

Para entendermos o funcionamento e a regularidade de um discurso é preciso considerar sua historicidade, considerar que o sujeito é historicamente constituído, que os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e que é pela ideologia que se naturaliza aquilo que é produzido pela história (ORLANDI, 2004). É preciso entender ainda que no discurso temos o entrecruzamento de vários dizeres, não havendo possibilidade para a apropriação das palavras, uma vez que elas significam pela história e pela língua, assim como o sujeito, enquanto já-sujeito interpelado pela ideologia e inscrito numa determinada FD, não é responsável pelos efeitos de sentido possíveis de seu dizer nem pelo modo como os sentidos se constituem nele.

Por esse motivo, Orlandi (2015) explica que para se compreender o funcionamento do discurso é fundamental entendermos que há sempre um já-dito que sustenta a possibilidade de todo dizer. Pêcheux (2014,

p.142) denomina esse já-dito como pré-construídos, “um elemento que irrompe no enunciado como se tivesse sido pensando antes, em outro lugar, independentemente”. Dito de outra forma, os pré-construídos são formulações já ditas, que se encaixam numa formulação posterior produzindo sentidos. Esses pré-construídos são elementos discursivos exteriores ao sujeito enunciatador dos quais sua enunciação se apropria para produzir novos enunciados e que assumem, no domínio da memória, entendida como o espaço de recorrência das formulações, sua estabilidade (COURTINE, 1999).

Para um melhor entendimento sobre o funcionamento do discurso dos/nos sujeitos enunciatadores, Courtine (1999) propõe dois níveis de descrição: o nível da enunciação, um eixo horizontal, que remete a uma dada situação de enunciação por um sujeito enunciatador. E o nível do enunciado, um eixo vertical, que corresponde ao interdiscurso. É no eixo vertical, estratificado e desnivelado, que as inúmeras formulações marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas se articulam possibilitando a repetição, a oposição, a citação, a paráfrase, entre outros, das formas linguísticas. Nesse sentido, o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determina o que dizemos.

Esse esquecimento é pertinente, pois é preciso que algo que anteriormente foi dito seja esquecido para que possa voltar a ter sentido. Orlandi (2015) esclarece que a memória discursiva não é apreensível no discurso, mas apenas suas formações discursivas, sendo estas as responsáveis pelo acarretamento de sentido às palavras dela/nela formuladas. Dessa forma, a memória discursiva, situada no eixo vertical do enunciado, ou no eixo da constituição, nas palavras da autora, pode retomar um já-dito, reinscrevendo-o no eixo horizontal, do enunciatador, ou no eixo da formulação. Há, no entanto, a possibilidade de que esses dizeres, na espessura estratificada dos discursos, “se transformem, truquem-se, escondam-se para reaparecer mais a frente, atenuem-se ou desapareçam, misturando inextricavelmente memória e esquecimento” (COURTINE,1999, p.19).

Isso é possível porque, segundo Pêcheux (2015), a memória tende a absorver o acontecimento que, sob a forma de paráfrase, tende a se manter regular, estável, mas que ante um acontecimento discursivo novo pode sofrer uma interrupção que desloca e desregula os implícitos produzindo uma nova regularização sobreposta à primeira. Há, dessa maneira, segundo o autor, um jogo de força na memória, sob o choque do

acontecimento. Nesse sentido, ao pensar a memória discursiva, Pêcheux (2015, p.46) o faz não em seu aspecto individual, psicologista, mas em seu aspecto coletivo, social e histórico, entendendo-a como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer [...] os pré-construídos [...] de que sua leitura necessita”.

Isso posto, este trabalho se propõe a investigar que discursos sobre o surdo e a surdez foram ditos e permanecem ditos e por dizer? O que deve ser lembrado e repetido? O que, ao contrário, deve ser esquecido? Como o discurso da oralização se atualiza no discurso sobre o implante coclear, um dispositivo eletrônico desenvolvido para propiciar limiares auditivos aos surdos de grau profundo? Para tanto, utilizamo-nos do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso de base materialista, tendo Michel Pêcheux (2015), Eni Orlandi (2004, 2015) e Cristiane Dias (2018) como principais teóricos que embasam esse trabalho. Selecionamos para compor o arquivo que constitui essa pesquisa 08 programas das atrações matinais da Rede Globo, a saber: Mais Você; Bem-Estar e Encontro com Fátima Bernardes. A seleção destes foi feita com base nos resultados obtidos quando inserimos o sintagma nominal “implante coclear” tanto na rede social ‘Youtube’ quanto na página da Globo Play, uma plataforma de vídeos da emissora Globo. A partir dessa busca, encontramos oito ocorrências sobre a temática do IC nos programas matinais supracitados, sendo a mais antiga de maio de 2009 e a mais recente de novembro de 2016.

### **MEMÓRIA(S) NO/DO DISCURSO SOBRE A SURDEZ**

O discurso *sobre* é, segundo Orlandi (2008), uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos, pois este organiza as diferentes vozes do discurso *de*, colocando-se como intermediário entre o discurso de origem e o interlocutor. Entendendo que a produção de sentidos está ligada ao lugar de onde se enuncia e que é esse lugar que autoriza a dizer de uma forma e não de outra, Costa (2014, p.34) esclarece que “o discurso *sobre* constitui uma interpretação [...] ao mesmo tempo ele intervém na construção imaginária do interlocutor, do sujeito e do dizer”.

No discurso *sobre* há uma organização, uma disciplinarização do dizer, que atua no efeito de linearidade e de homogeneização da memória e que, segundo Mariani (1996), representa um lugar de autoridade, em que ao se falar *sobre* efetua-se a transmissão de conhecimento, de um assunto já conhecido e dominado pelo interlocutor que se utilizará

de um processo de didatização para tornar o acontecimento o mais compreensível possível ao leitor.

No caso dos discursos sobre a surdez, estes foram historicamente enunciados a partir de diferentes lugares com suas diferentes redes de formulações possíveis. Isso significa que houve, e ainda há, uma variedade de dizeres disponíveis acerca dessa temática dependendo da Formação Discursiva (FD)<sup>1</sup> de que parte este dizer. Nas sociedades antigas, por exemplo, imperavam os enunciados que partiam de uma FD normalista. Nesse sentido, a surdez era vista como uma anormalidade que precisava ser erradicada da sociedade. Moura (2000) destaca que sociedades como as dos gregos e romanos consideravam que os surdos, por não falarem, não poderiam ser considerados seres humanos competentes. Isso porque acreditava-se que a fala estava diretamente atrelada ao pensamento, logo, por não falarem, os surdos não poderiam desenvolver suas faculdades intelectuais e, por conseguinte, não poderiam ser considerados humanos.

Essa forma de pensar estava embasada na crença de Aristóteles (MOURA, 2000, p. 16) que considerava a linguagem como aquilo “que dava condição de humano para o indivíduo, portanto, sem a linguagem, o surdo era considerado não humano. Para ele, também, o surdo não tinha possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais”. Este discurso que relaciona a fala à natureza humana mantém-se durante o período medieval, quando os discursos passam a ser enunciados a partir de uma FD cristã.

A igreja entendia que era pela expressão oral dos sacramentos que a alma humana alcançava a imortalidade. A incapacidade para emitir sons inteligíveis representaria, portanto, para a igreja, não apenas um ser desprovido de inteligência, mas de alma. Sacks (2010) ressalta que há uma exaltação bíblica da voz e do ouvido como o único e verdadeiro modo da relação entre o homem e Deus, “A fé vem pelo ouvir” (Rm 10:17<sup>a</sup>); “No princípio era o verbo” (JO 1:1a). A surdez, por outro lado, na rede de formulações da FD cristã, é vista como uma maldição, um empecilho que afasta o homem de Deus, “E Jesus, vendo que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: sai dele, e não entres mais nele” (Mc 9: 25).

Devido a essa concepção que circulava sobre a surdez, as pessoas surdas foram por muito tempo consideradas incapazes de aprender e,

---

1 Pêcheux (2014, p.147) define FD como “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada [...] determina o que pode e deve ser dito”.

por essa razão, impossibilitadas de “herdar bens, contrair matrimônio, receber instrução” (SACKS, 2010, p. 20). Segundo o autor, Santo Agostinho é um dos autores que defendiam essa máxima. Para ele, a surdez inviabilizava a aquisição de uma língua e isso, por sua vez, impedia que estes pudessem professar sua fé, sendo, conseqüentemente, considerados cristãos. Dada a necessidade de ser cristão, ou seja, estar inscrito na FD cristã, para ser considerado cidadão, no período medieval, os surdos continuavam a ser excluídos da sociedade.

Há, no entanto, na passagem da Idade Antiga para a Idade Média, uma mudança no tratamento dado às pessoas com surdez, a qual precisa ser destacada. Enquanto aqueles tratavam a surdez e as deficiências em geral, com violência, abandonando os indivíduos à própria sorte ou mesmo sacrificando-os, para estes, dado o conteúdo da doutrina cristã, que era voltada para a caridade e amor ao próximo, tais práticas passam a ser condenadas e passam a surgir instituições de caridade e hospitais para o acolhimento deste público, para que pudessem, ainda que à margem da sociedade e sem qualquer direito dado aos demais cidadãos, ter condições de sobreviver.

Sob a influência da religião cristã e graças aos seus preceitos de mansidão, de caridade e de respeito a todos os semelhantes [...] várias organizações de caridade ou de assistência a pobres, a deficientes abandonados e a doentes graves ou crônicos foram estabelecidas, [...] Todos os envolvidos rei e bispos - viam-se quase que forçados pelas decisões conciliares [...] a dar abrigo e ajuda aos pobres e àqueles doentes que eram abandonados pelos seus parentes (SILVA, 1987, p.120).

No final da Idade Média e início da Idade Moderna, com o advento do Renascimento, que proporcionou uma ruptura com as estruturas medievais, começaram a surgir propostas que defendiam a educação dos surdos. Segundo Moura (2000), entre os primeiros a defenderem publicamente este pensamento está o médico italiano Girolamo Cardano, que afirmava que os surdos podiam e deveriam ser instruídos. Para ele, “os nascidos surdos profundos poderiam ser ensinados a ler e a escrever sem fala” (MOURA, 2000, p. 17).

Essa mudança no discurso sobre a surdez estava destinada, no entanto, apenas aos surdos oriundos da nobreza e da corte, os surdos

pobres continuavam sem acesso à educação e recolhidos por instituições especiais de caridade, onde lhes eram ensinados “alguns conhecimentos que lhes possibilitarão ser servis” (LOPES, 2011, p. 43). Os surdos nobres, por outro lado, deveriam ser educados, a partir de uma metodologia oral, para que mantivessem assegurados seus direitos à herança, à manutenção dos bens da família. Em Lopes (2011, p.41), lemos que “era necessário que os filhos surdos de nobres aprendessem a falar, ler, escrever, fazer contas, rezar, assistir à missa e confessar-se mediante o uso da palavra oralizada. A palavra falada conferia a visibilidade necessária a um nobre”.

Moura (2000) afirma que na decisão de educar ou não o surdo, a perda dos direitos à herança pesou mais que as implicações religiosas e que a própria escolha pelo oralismo está igualmente atrelada à necessidade de tornar o indivíduo surdo um indivíduo semanticamente normal e, portanto, merecedor de seus direitos enquanto cidadão, “o aluno surdo, do sexo masculino e primogênito, poderia ascender nas categorias jurídicas e passar a ser o responsável por sua assinatura, por seu testemunho diante da lei, por sua herança” (LULKIN, 2000, p. 54). Inicialmente, foi a igreja quem assumiu a responsabilidade de educar os surdos filhos da nobreza. O primeiro professor de surdos na história e cujo trabalho serviu de base para outros educadores foi o monge beneditino Pedro Ponce de Leon.

Ele os ensinou a falar, ler, escrever, a rezar e conhecer as doutrinas do Cristianismo. Alguns aprenderam latim, outros aprenderam a entender o italiano através do grego e do latim. Os que aprenderam filosofia natural e astrologia, segundo o próprio Ponce de Leon, manifestaram, através do uso das faculdades intelectuais que possuíam, o que Aristóteles negava. [...] Desta forma ele demonstrou a falsidade de todas as crenças, religiosas, filosóficas ou médicas existentes até aquele momento sobre os surdos (MOURA, 2000, p.17).

A educação destes surdos acontecia no monastério de Oña, onde Ponce de Leon vivia. Para Lopes (2011), embora não se desejasse a formação de grupos surdos, este monastério se constituiu no primeiro local de agrupamento de surdos, ou, em outras palavras, na primeira escola para surdos. Este agrupamento de surdos, de acordo com Lulkin

(2000), propiciou que os sinais caseiros que as crianças surdas traziam fossem ganhando complexidade e se tornando uma língua comum entre os surdos, dada a frequência de uso entre eles. Apesar disso, o ensino era pautado na oralização entendida, nessa FD, como única forma de garantir aos surdos o status de cidadão.

Lulkin (2000) destaca ainda que manter a educação dos filhos surdos da nobreza em espaços reservados, como mosteiros e conventos, implicava convidar a estes espaços, sob a justificativa de atestar a eficácia e a qualidade do ensino, as autoridades da nobreza e da realeza, o que trazia a estes ambientes e aos professores prestígio e reconhecimento social. Ponce de Leon, por exemplo, teve sua fama espalhada por todo o reino e o mosteiro de Oña recebeu visitas dos reis da Espanha, da França, da Hungria, e do Papa (LULKIN, 2000).

O oralismo fora adotado como método de ensino durante todos os séculos XVI, XVII e até meados do século XIII, quando Charles-Michel de L'Épée propõe o uso da língua de sinais para a educação dos surdos e cria a primeira instituição para este público, considerando a língua de sinais como método de instrução. Lane (1989, p. 05) afirma que "O Instituto Nacional para Surdos-Mudos foi a primeira escola pública de surdos na história do mundo e fonte de inspiração e modelo para centenas de outras que logo surgiriam<sup>2</sup> (tradução nossa)".

L'Épée objetivava ensinar os surdos de sua instituição a ler e a escrever em Francês, língua em que os discursos circulavam, mas diferente dos educadores que o antecederam, que também objetivavam ensinar aos surdos a língua majoritária de sua sociedade, utilizou como meio para este fim o uso da língua de sinais. Para ele, os surdos que chegavam à instituição já estavam dotados de uma linguagem e utilizá-la como método de ensino seria a forma mais fácil e eficaz de instruí-los quanto ao Francês.

Para tanto, L'Épée aprendeu com os surdos a língua de sinais francesa. "Foi o abade l'Épée, filho do arquiteto do rei, que primeiro se voltou para os pobres, desprezados, analfabetos e disse: 'Ensine-me'<sup>3</sup> (tradução nossa)" (LANE, 1989, p. 63). Moura (2000) salienta que além de reconhecer a língua de sinais como forma de comunicação entre os surdos, L'Épée possibilitou a passagem da educação individual para a educação coletiva, permitindo que surdos que não pertenciam

<sup>2</sup> "the National Institution for Deaf-Mutes it was the first public school for the deaf in the history of the world and the inspiration and model for hundreds that would soon follow" (LANE, 1989, p.05).

<sup>3</sup> "It was the abbé l'Épée, son of the king's architect, who first turned to the poor, despised, illiterate deaf and said 'Teach me' (LANE, 1989, p. 63).



à nobreza também tivessem acesso à educação. O instituto de L'Épée recebeu professores de vários países da Europa para aprenderem sua metodologia e implantarem-na em seus respectivos países. No ano da morte de L'Épée, em 1789, já existiam dezenas de escolas de surdos na França e em toda a Europa, as quais já atendiam quase dois mil alunos surdos (LANE, 1989).

O discurso dos opositores da metodologia de L'Épée ganhou força com sua morte e apesar da comprovada eficácia do método, que possibilitou aos surdos tornarem-se matemáticos, químicos, pintores, escultores, poetas, marinheiros, soldados, etc, (LANE, 1989), tem-se uma retomada dos princípios oralistas, considerado um método acima de todos os métodos, e do discurso que parte desta FD oralista. O principal argumento era o de que, ainda que aprendessem a língua de sinais, os surdos estariam restritos e limitados a conversarem apenas entre si ou num restrito grupo de usuários falantes dessa língua, enquanto o aprendizado da língua oral permitiria a eles se relacionarem com os que ouvem.

Os enunciados formulados a partir dessa FD consideram que “somente a fala pode suprimir todas as barreiras e dar acesso a carreiras onde a perda de audição não é um obstáculo absoluto. [...] somente a oralização é a arca sagrada que pode conduzi-los ao meio social que aspiram” (INES, 2013, p.10). Desse modo, era necessário evitar que os surdos tivessem acesso à língua de sinais uma vez que, segundo estes, o aprendizado da língua de sinais prejudicaria o aprendizado da oralização e da leitura labial. Segundo o INES (2013, p. 75), o discurso que circulava era: “não se sirva de um sinal quando ele pode ser substituído por uma fala. Tome cuidado para que a criança faça o mesmo”.

O discurso oralista torna-se hegemônico e fonte dos dizeres e dos sentidos acerca da surdez, numa perspectiva mundial, a partir do Congresso Internacional de Educação para Surdos realizado, em Milão, em 1880, em que o método oralista alcança o status de único e verdadeiro método para o ensino de surdos. Os participantes desse congresso entenderam que somente com o uso do método oral puro os surdos conseguiriam atingir o mesmo nível de desenvolvimento que as pessoas ouvintes e que os métodos que utilizavam a língua de sinais deveriam ser abandonados, uma vez que, segundo estes, a linguagem de sinais impede o progresso da linguagem (INES, 2011).

Deve-se renunciar o uso de sinais. [...] Para transformar um bebê surdo em um ser humano falante, dê a ele o que

as nossas mães nos deram: a linguagem. [...] de todos os movimentos para expressão de ideias, o labial é o mais perfeito. A fala é o melhor e único método possível (INES, 2011, p. 24).

As deliberações do congresso de Milão, como ficou conhecido, foram amplamente seguidas pelas instituições que atendiam às pessoas com surdez em todo o mundo. Além disso, os dizeres proferidos nesse evento foram cristalizados no imaginário social e passou-se a produzir, pelo interdiscurso, novos dizeres que, ao manterem os sentidos já estabilizados, produzem a atualização de uma memória do discurso sobre o surdo, a surdez e sobre a oralização.

### **MEMÓRIA(S) NO DISCURSO SOBRE O IMPLANTE COCLEAR (IC)**

Dias (2018) afirma que em nossa sociedade capitalista as relações de poder estão pautadas no desenvolvimento de tecnologias que atuam como dispositivos de controle “sobre o outro e sobre os desejos do outro” (DIAS, 2018, p. 26). Assim, em nosso arquivo, é possível perceber que há no discurso sobre o IC uma retextualização de memória, uma retomada e atualização dos discursos já ditos, principalmente no que tange à importância da oralização às pessoas surdas e à insuficiência da língua de sinais para tal propósito. Pelo funcionamento dessa memória discursiva, contribui-se para o apagamento da surdez enquanto identidade de um grupo dotado com uma língua, reforçando a ideia desta enquanto uma deficiência, um problema que precisa ser combatido e que pode ser minimizado ou mesmo sanado pelo uso de novos instrumentos tecnológicos que passam a ser significados como instrumentos de inclusão social.

Ainda segundo Dias (2018, p.40), “o sentido da tecnologia é efeito do modo como ela é significada politicamente na constituição dos artefatos do mundo numa relação indissociável com a forma das relações sociais políticas e econômicas, numa determinada formação social”. No caso dos discursos que circulam sobre o IC no arquivo que selecionamos, é possível perceber uma evidência do IC e um apagamento da língua de sinais, como se nota no recorte a seguir:

A gente vai começar hoje com umas histórias incríveis, inspiradoras de pessoas que estão usando a tecnologia para superar limitações físicas. Ontem foi o dia nacional de combate e prevenção à surdez, por isso, eu vou

começar com a história desse menino lindo aqui, o Enzo [...] o Enzo nasceu com uma surdez profunda e a pouco mais de um ano ele fez um implante coclear (IMPLANTE COCLEAR. **Encontro**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 11 de novembro de 2013. Programa de TV).

Observa-se que o implante coclear é trazido como uma tecnologia de sucesso, capaz de garantir uma solução eficiente para a surdez, o que torna Enzo um exemplo bem-sucedido. Verifica-se ainda que embora existam datas que marquem socialmente a discussão sobre a surdez e sobre a língua de sinais, tais como o dia 24 de abril (Dia nacional da Libras) e o dia 26 de setembro (Dia nacional dos surdos), os programas que tomamos como material de análise foram veiculados em datas que, pela rede de formulações disponíveis, retomam dizeres que compreendem a surdez como uma limitação física que precisa ser normalizada a partir do uso de novas tecnologias, tais como o IC, a saber: o dia 10 de novembro, dia nacional do combate e prevenção à surdez.

Diferente do programa que retoma o combate e prevenção à surdez, no programa exibido em 21 de outubro esta não se encontra explicitamente mencionada, mas a temática do IC é trazida a partir da história e do cotidiano de uma família nuclear tradicional, pai, mãe e filhos, que descobriram, após o nascimento de trigêmeos, que duas das três crianças nasceram com surdez e as submeteram à cirurgia para a colocação do IC. Mostra-se, durante a tratativa da questão, cenas do cotidiano familiar dos pais interagindo com os filhos implantados. Nesse mesmo programa, é trazida ainda uma outra história, de uma surda adulta, que também se submeteu à cirurgia do IC e que, por conta desse procedimento, conseguiu a chance de formar uma família nuclear. Percebe-se que, embora a comemoração do dia da valorização da família não tenha sido literalmente explicitada pelo sujeito divulgador (jornalista), há, a construção de uma formulação de que só se pode constituir família e ser feliz se não houver um sujeito surdo, se aquele sujeito com a deficiência tiver sido, por meio da tecnologia, por meio da medicalização, normalizado, sendo capaz de utilizar-se da língua da maioria ouvinte.

Um terceiro programa que nos apresenta uma atualização da memória corresponde ao exibido no dia 11 de setembro. Este traz como tema principal a discussão sobre a importância da audição e das tecnologias existentes para o combate à surdez, o que nos permite,

não apenas pela data de veiculação, mas também pela temática, uma retomada dos discursos postos em funcionamento no Congresso de Milão, que decidiu, no dia 11 de setembro de 1880, pela sobreposição do método oral a qualquer outra metodologia de ensino, uma vez que somente a fala poderia proporcionar às pessoas com surdez condições efetivas de inclusão social e de perspectivas de futuro, dizeres que aparecem atualizados em todo o nosso arquivo, como nos trechos abaixo:

É toda uma mudança de futuro que ela pode ter por ouvir bem a partir de agora. (IMPLANTE COCLEAR. **Bem Estar**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 03 de outubro de 2016. Programa de TV).

(...) no início pra gente foi um grande susto... mas:: ainda bem que eles são dessa era da tecnologia... e eles podem ouvir. (IMPLANTE COCLEAR. **Encontro**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 07 de outubro de 2014. Programa de TV).

Embora compreendamos que o sentido de uma palavra é determinado pelas posições ideológicas em jogo e muda de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam, Dias (2018, p.40) nos esclarece que há sentidos que “estão de tal modo cristalizados numa palavra ou conceito, que os outros sentidos possíveis ficam no sem-sentido. Um exemplo disso é a relação sucesso e tecnologia”. Isso é o que podemos perceber no recorte acima, o IC é apresentado como um dispositivo isento de falhas e, além disso, como uma representação do novo e do progresso.

Percebemos também que o uso das expressões ‘mudança de futuro’ e ‘ainda bem’ a tentativa de construção no imaginário social que coloca o Implante Coclear no lugar daquilo que normaliza os sujeitos, lhes permite o progresso, o sucesso, ao passo que constrói a língua de sinais como o lugar de representação do velho, do fracasso, de uma possibilidade que não se espera utilizar. Acerca disso, em meio aos discursos que enunciam pelo uso do IC, Rezende (2012) afirma que, em geral, a língua de sinais é considerada apenas em último caso, quando todas as outras alternativas para o alcance da língua oral falharam, ao que Pfeifer (2015) acrescenta que o IC é uma questão de garantia da

acessibilidade e que a precocidade na realização do procedimento é um fator fundamental para seu sucesso, tornando-o uma prioridade.

Essa valorização dada ao ouvir e ao falar representa uma retomada e a manutenção dos sentidos já atribuídos aos sujeitos surdos, especialmente por aqueles que os consideram como dependentes, infelizes e frustrados por serem incapazes de oralizar e viver numa sociedade majoritariamente ouvinte. Mantêm-se em circulação os discursos que colocam sobre as pessoas surdas a responsabilidade pelo aprendizado da língua oral. INES (2013, p.90) destaca que “é hábito dos professores que ensinam pelo método oralista afirmar para seus alunos que, se eles se esforçarem em aprender a falar, poderão evitar serem vistos como surdos-mudos”.

a capacidade auditiva de uma pessoa, ela vai também dá vontade de aprender, de superar e o Enzo é uma pessoa extremamente aberta a novos conhecimentos. [...] o Enzo tem essa característica porque ele quer mais e mais e mais as fonos. A pedagoga sempre fala que ele foca muito na terapia, ele presta atenção, ele quer muito (IMPLANTE COCLEAR. **Bem Estar**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 11 de novembro de 2013. Programa de TV).

Uma vez imputada sobre o sujeito surdo a responsabilidade pela aquisição da língua oral e pelo sucesso das terapias aplicadas, nega-se a possibilidade de insucesso dos recursos investidos e mantém-se o discurso desses tratamentos, como a cirurgia de IC, por exemplo, como infalíveis, uma vez que as falhas, se devem ao não comprometimento do indivíduo com o tratamento e não à tecnologia e/ou às terapias aplicadas. Lane (1989) refuta esse argumento quando relata as dificuldades enfrentadas por um surdo quanto à sua oralização. Ele diz (LANE, 1989, p.16):

‘Taa, daaa, teee, deee’, ele me fez gritar repetidas vezes, mas contorcendo meu rosto como podia, lutando contra as lágrimas, procurando desesperadamente, em pânico, pelo lugar na minha boca com precisão para colocar minha língua, atento à minha respiração - não obtive êxito (tradução nossa).<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> ‘Taa, daaa, teee, deee’, he made me screech again and again, but contort my face as I would, fighting back the tears, search as I would desperately, in a panic, for the place in my mouth accurately to put my tongue, convulse as I would my breathing – I succeeded no better”

Ainda sobre essa questão, Rezende (2012) ressalta que o IC não é a cura para a surdez, que sua colocação não significa acesso imediato às habilidades da fala e do ouvir, já que o implantado necessita de constantes e intensos tratamentos com fonoaudiólogos que podem, em muitos casos, não surtir os efeitos esperados pela equipe médica e pela família, gerando frustrações. Por esse motivo, Pfeifer (2015, p. 42) orienta que antes de se resolver pelo IC é preciso que o candidato ou seus familiares “[estejam] sabendo o que é implante coclear, como funciona, o que se pode esperar dele, quem pode e quem não pode fazer, quais são os custos envolvidos”.

Apesar disso, o IC é continuamente tratado, em nosso material de análise, como um recurso isento de falhas e, em geral, recomendado a todos os sujeitos que apresentarem surdez bilateral de grau severo ou profundo, apagando-se, assim, o fato de que existem casos em que, mesmo que o surdo tenha este tipo e grau de surdez, este dispositivo não é recomendado. Este apagamento reforça o que afirma Dias (2018) sobre a tecnologia ser um instrumento de poder e de dominação servindo ao interesse de alguns e de que, pelo que a autora chamou de imaginário da tecnologia, o sujeito é colocado como o criador daquilo que é socialmente desejado e que garantiria a continuidade da vida por meios técnicos.

Em nosso arquivo, isso é percebido quando comparamos o discurso dos defensores do método oral e de suas tecnologias proferidos no final do século XIX com o discurso proferido pelos sujeitos de nosso material de análise, os quais significam em seus discursos o IC é como o recurso tecnológico historicamente esperado para um efetivo tratamento da surdez.

“oralizar a quem não fala é prestar-lhe um grande serviço; mas para obter esse resultado não poderíamos, desde já recorrer aos métodos científicos [...] e se estes métodos não são ainda suficientemente práticos, não seria útil pesquisar os meios de atingir esse resultado” (INES, 2013, p. 19).

“O senhor pode salvar a vida de muitas crianças por aí tendo um cidadão produtivo, né, que vai se integrar na sociedade (IMPLANTE COCLEAR. **Bem Estar**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de maio de 2009. Programa de TV).

Observa-se, por um lado, a manutenção do discurso da oralização como única alternativa viável às pessoas com surdez e, por outro, o alcance de uma tecnologia, tão almejada no final do século XIX e início do século XX, que pode dotar os sujeitos surdos com aquilo que os tornará úteis à sociedade, a fala. Entendendo que a língua serve para comunicar e para não comunicar e que se diz de uma forma para não se dizer de outra, podemos perceber que, no trecho recortado de nosso arquivo, ser surdo e não ser oralizado é ser incapaz, improdutivo, dependente de benefícios sociais, em contrapartida, ser implantado denota independência, capacidade para contribuir socialmente. Além disso, evidencia-se, ainda, a importância do IC e a urgência de sua utilização uma vez que é um procedimento que pode ‘salvar vidas’.

Outro aspecto presente em nosso arquivo que aproxima o discurso sobre o IC veiculado pelos programas matinais da Rede Globo dos discursos oralistas cristalizados em nosso imaginário social, possibilitando uma atualização de memória, diz respeito à maneira como o assunto é abordado, em geral, a partir da exposição das histórias de vida de pessoas que foram submetidas à cirurgia para a colocação do aparelho e, principalmente, pela demonstração do momento em que este foi ativado.

(...) um mês depois chegou o dia de ativar o implante... antes a Mariane tira o aparelho auditivo que usa no outro ouvido... a fonoaudióloga então liga o implante... primeiro com sons bem baixinhos... (...) e ela começa a escutar (IMPLANTE COCLEAR. **Bem Estar**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 03 de outubro de 2016. Programa de TV).

(...) a gente ver o momento em que ele... ouve pela primeira vez... e é exatamente a voz da mãe a Fabiana que tá aqui junto com o Darlison que é o pai dele (IMPLANTE COCLEAR. **Encontro**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 07 de outubro de 2014. Programa de TV).

A doutora Maria vai fazer essa ativação gente... NESSE momento aqui no palco do encontro... então vai ser a primeira vez... que:: o:: Vitória vai ouvir algum tipo de som

(IMPLANTE COCLEAR. **Encontro.** Rio de Janeiro: Rede Globo, 07 de outubro de 2014. Programa de TV).

Lulkin (2000) afirma que no final do século XIX e até meados do século XX era comum a prática de mostras públicas nas instituições educadoras de surdos, especialmente entre aqueles que se utilizavam de métodos pautados no oralismo. Estas se constituíam principalmente de espetáculos artísticos e mostras escolares que induziam os surdos à oralização diante de uma plateia como forma de demonstrar a capacidade que estes tinham de adquirir a linguagem oral e a qualidade do método utilizado. Salienta-se que, embora a discussão seja fomentada pela mídia e não pela escola, mantém-se a prática das mostras públicas como determinante para a possibilidade de uma adesão social. Além disso, a tecnologia aqui passa a funcionar como a possibilidade de realização daquilo que falta.

Importante ainda ressaltar que, considerando o fato de que nosso arquivo diz respeito a materiais dos programas matinais armazenados em plataformas digitais, tais como o Youtube e o Globo Play, que têm produzido mudanças nas discursividades do mundo, colocando em um outra ordem a relação do sujeito com a produção de sentidos, parece-nos possível apontar para o fato de que além da memória discursiva, compreendida em todo o material analisado, atravessa nosso material a memória metálica, tal qual como proposta por Orlandi (2006), mas, principalmente, vemos funcionar a memória digital, formulada por Dias (2018). Orlandi (2006) distingue três noções de memória: memória discursiva, memória de arquivo e memória metálica. A primeira, como já discutimos anteriormente, se constitui pelo esquecimento e reside no fato de que algo fala sempre antes em outro lugar, independentemente. São os dizeres já ditos ou possíveis que garantem a formulação de um novo dizer. A memória de arquivo, diferente da primeira, é aquela que não se esquece, aquela que as instituições “praticam, alimentam, normatizando o processo de significação, sustentando-o em uma textualidade documental” (ORLANDI, 2006, p. 05).

A memória metálica, por sua vez, é aquela produzida pelo atravessamento da tecnologia, especialmente pela mídia. Esta diz respeito à circulação, que não se produz pela historicidade, mas pela repetição, reprodução. Diferente da memória discursiva que se localiza no eixo da constituição (o eixo vertical), e que se constitui pelo esquecimento, a memória metálica se localiza no eixo horizontal e se constitui pelo



acúmulo de dados que são (re)atualizados. Essa memória trabalha com quantidade, sua significação se dá pela circulação da informação.

Ao tratarmos sobre a questão do IC, percebemos que nosso arquivo apresenta um atravessamento tanto de uma memória discursiva quanto de uma memória metálica. É a partir desse atravessamento que Dias (2018) propõe a noção de memória digital. Nas palavras da autora (DIAS, 2018, p. 161), a memória digital “é um resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento do discurso digital, pelo trabalho do interdiscurso [...] considerando o acontecimento do digital”. Assim, a memória digital não funciona, como a memória metálica, pela quantidade de dados, por sua capacidade de armazenamento, nem tampouco como a memória discursiva que já se encontra situada no eixo da constituição e funcionamento pelo esquecimento, mas no lugar da contradição “onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (DIAS, 2018, p. 105), embora estas sejam de natureza distintas. Como recorte que corrobora com nossa afirmação, podemos apresentar a retomada, nos programas matutinos, de uma matéria sobre o IC veiculada pelo Fantástico, um programa noturno, exibido pela Rede Globo nas noites de domingo:

A gente vai ver, rever alguns personagens que emocionaram a gente numa reportagem feita pelo fantástico há pouco tempo atrás. Eram pessoas surdas que voltaram a escutar (IMPLANTE COCLEAR. **Bem Estar**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 18 de setembro de 2012. Programa de TV).

Segundo Orlandi (2004), a mídia utiliza-se da memória metálica para, pela repetição, fazer circular determinado discurso e assim dar-lhe maior visibilidade. Considerando que a mídia trabalha em função da audiência e que esta produz seus programas pela antecipação de seu público-alvo, parece-nos possível dizer que, ao reproduzir em um programa matutino uma matéria sobre o IC que já havia sido veiculada num outro programa, a emissora, por meio de relações de poder que lhes são próprias, pauta o controle sobre o outro, sobre os desejos do outro, recortando o que fora proferido outrora e apresentando-o, num movimento de atualização, para aquele que seja o público: as mulheres mães de crianças surdas, assistentes dos programas matutinos da Rede

Globo, que podem a qualquer momento retomá-los em plataformas digitais, já que “ as ‘grandes decisões’ dos sujeitos são cada vez mais determinadas por aquilo que circula pelo digital” (DIAS, 2018, p.59). É nisso que vemos o escape da estrutura totalizante da máquina e vemos uma inscrição no funcionamento interdiscursivo, que permite-nos pensar em como o discurso digital se coloca no processo de produção de sentidos.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Entendendo que os discursos são históricos, uma vez que se produzem em condições determinadas, que influenciam novos acontecimentos e que, no discurso, temos o entrecruzamento de vários dizeres, nos propusemos, neste artigo, a analisar a maneira pela qual os discursos do oralismo, que defendem a aquisição da língua oral pelos sujeitos surdos como única forma destes serem incluídos na sociedade, se atualizam nos discursos sobre o implante coclear, uma tecnologia desenvolvida e disponibilizada para aqueles que nasceram surdos ou que perderam a audição. Para tanto, selecionamos como arquivo oito exemplares, produzidos entre 2009 e 2016, de programas matinais da TV Globo que trataram da temática, disponibilizados em plataformas digitais, o que nos fizera compreender a relação com a memória digital, que historiciza o repetível. A partir do dispositivo teórico-metodológico da análise de discurso pecheutiana, foi possível observar que, ao longo do tempo, a busca por tornar o sujeito surdo um sujeito semanticamente normal se dera pela incessante tentativa de fazer com que ele se apropriasse da língua da maioria ouvinte e falasse, como forma de representar-se em sociedade como aquele capaz de desenvolver ações e ser dotados de responsabilidade, constituindo-se como um sujeito de direito.

Essa busca, que de início pauta-se pela defesa do Oralismo, na atualidade, ressignifica-se pela proposição do Implante Coclear como aquele que, por paráfrase dos dizeres veiculados em nosso material, pode salvar a vida do surdo. Como dito em momento anterior, as tecnologias são desenvolvidas como instrumentos de poder e de controle sobre o outro e sobre os seus desejos, servindo ao interesse de alguns, tal qual dito por Dias (2018). Nesse sentido, percebemos que, ao enunciar o implante coclear como um instrumento tecnológico de sucesso, isento de falhas e capaz de dotar aqueles que se submeterem ao procedimento cirúrgico em condições de igualdade àqueles que nasceram ouvintes,

traz-se o discurso tecnológico como aquele que viabiliza que os preceitos colocados pelo discurso oralista se cumpram entre os sujeitos que a ele aderem, numa busca constante pela negação de discursos outros que falem pela diversidade linguística, pela identidade surda e pela própria possibilidade de o sujeito surdo marcar-se em sociedade por sua deficiência não tomando-a como falta, mas como diferença.

## **REFERÊNCIAS**

- COSTA, G. C. **Sentidos de Milícia:** entre a lei e o crime. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital:** sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2018.
- INES – Instituto Nacional De Educação De Surdos. **Atas:** Congresso de Milão [de] 1880. Rio de Janeiro: INES, 2011
- LANE, H. **A máscara da benevolência:** a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LOPES, M. C. **Surdez & Educação.** São Paulo: Edições Pedagogo, 2010.
- LULKIN, S. A. **O silêncio disciplinado:** a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- MARIANI; B. S. C. **O comunismo imaginário:** práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Campinas, SP: [s.n.], 1996
- MOURA, M. C. **O surdo:** caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004. 4ª edição.
- ORLANDI, E. **Conversa com Eni Orlandi.** In. BARRETO, Raquel. Teias: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez, 2006.
- ORLANDI, E. (Org.). **Discurso e políticas públicas urbanas:** a fabricação do consenso. Campinas, SP: Editora RG, c2010
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** Princípios e Procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi [et al.] 2ed Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014

PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**: Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: 4ª edição. Pontes Editores, 2015.

PFEIFER, P. **Novas crônicas da surdez**: epifanias do implante coclear. São Paulo: Plexus, 2015.

REZENDE, P. L. F. **Implante coclear**: normalização e resistência surda. 1. Ed. Curitiba, PR: CRV, 2012

SILVA, O. M. **A epopeia ignorada**: A pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: CEDAS, 1987.

Recebido em: 05/07/2020

Aceite: 03/11/2020